



Encontro de Pré-abertura – Salvador
De 22 a 24 de outubro de 2018

ALFAEJA
V Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

**EIXO TEMÁTICO: ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO/LITERACIAS
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**MATERIAIS DIDÁTICOS PARA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: O QUE DIZEM OS PROFESSORES E ALUNOS?**

OLIVEIRA, Juliane Gomes de (Universidade Federal de Minas Gerais),
jugomes16@hotmail.com (autor)

MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Universidade Federal de Minas Gerais),
franciscamaciel@ufmg.br (coautor)

PALAVRAS-CHAVE: Material Didático, Alfabetização, Educação de Jovens e Adultos.

Esse trabalho traz análise e conclusões de uma investigação cuja temática central foi o processo de escolha, avaliação e usos do livro didático pelos coordenadores, professores docentes e alunos da alfabetização de jovens e adultos da Prefeitura de Belo Horizonte. Nessa comunicação trataremos especificamente sobre a avaliação dos professores e alunos em relação aos usos e adoção das obras didáticas nas turmas de alfabetização de jovens e adultos. Organizamos essa apresentação em três partes, na primeira abordaremos o contexto da pesquisa no âmbito da política do Programa Nacional do Livro Didático de EJA; como os coordenadores avaliam os livros didáticos e por fim as vozes dos alunos sobre o material.

1.

As discussões em torno da aceitação ou não aceitação dos professores que atuam na EJA para usar livro didático não deixa de ser polêmica. A história da alfabetização de adultos no Brasil é muito marcada pela polarização entre os que defendem que não se podem usar materiais e metodologias previamente definidos para se alfabetizar, e há os que defendem que deve se ter sim, materiais específicos para os jovens e adultos, evitando desse modo, a transposição de materiais didáticos de crianças nos espaços escolares de jovens e adultos (Maciel, 2006). E essa transposição foi um dos motivos

que levou o governo a implementar a partir de 2010, um Programa Nacional de Livros Didáticos – PNLD, os livros didáticos (manuais escolares) para jovens e adultos - Programa Nacional de Livros Didáticos Educação de Jovens e Adultos – PNLD EJA. A organização das políticas públicas da EJA ainda está em período de avanço pela igualdade. Somente após 12 anos de implementação do PNLD, a avaliação do livro didático chegou para a EJA e os alunos obtêm o acesso gratuito ao material.

Observando a realidade escolar, vemos que, atualmente, há uma maior preocupação por parte de gestores e docentes em relação a aprendizagem e as materialidades específicas para o público jovem, adulto e idoso. Dentre as últimas políticas para a EJA, destacamos o Programa Nacional do Livro Didático de EJA – PNLD EJA 2011¹, que promove a escolha e distribuição de livros didáticos específicos para o público do primeiro, segundo segmentos e ensino médio da Educação de Jovens e Adultos. Tomando como estudo esse programa, desenvolvemos um trabalho de pesquisa dentro de um núcleo de EJA da Prefeitura de Belo Horizonte – órgão municipal.

Sabendo da importância do livro didático como suporte no processo de aquisição de habilidades de leitura e escrita, passamos a questionar: como seria a escolha do livro didático de alfabetização nas escolas de educação de jovens e adultos? O que dizem as professoras alfabetizadoras e alunos sobre os usos do livro didático?

A partir dessas perguntas, delimitamos nosso tema de pesquisa, cujo ponto central foi analisar o processo de discussão e os usos do livro didático de alfabetização de jovens e adultos presente no PNLD EJA. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizamos os aportes teóricos da pesquisa qualitativa, que propicia um envolvimento com todo o processo investigativo (Bogdan e Bilklen, 1994). Nesta pesquisa, foram realizadas entrevistas iniciais que delimitaram o campo exploratório e nos fizeram compreender questões cruciais sobre a organização da escolha do livro didático pela RME–BH. Em um segundo momento, realizamos entrevistas com coordenadores, professores participantes ou não do processo de escolha, buscando entender e colher informações sobre um processo de escolha e usos do LD. Na sequência realizamos

¹ O Guia de Livros Didáticos para EJA está disponível no site: www.portal.mec.gov.br/secadi

entrevistas com alfabetizandos para entender como eles avaliam os usos do LD em seu processo de alfabetização.

É neste contexto que defendemos a chegada do livro didático como mais um recurso para o professor da EJA buscar vivências relacionadas às práticas letradas, e inserir seu aluno no universo da cultura escrita. Ao pensarmos sobre o papel da escola na formação de sujeitos letrados, ou seja, de leitores do mundo, recorreremos aos estudos e pesquisas que buscam valorizar e trazer o debate sobre a importância dos manuais escolares/livros didáticos e das literacias nos espaços escolares (Dionísio, 2000; Street, 2014; Soares, 2010, 2016, Kleiman, 2008, 2011).

2.

Inicialmente, nosso objetivo era entrevistar coordenadores e professores alfabetizadores, entretanto, após analisar as respostas dadas por eles, sentimos a necessidade de buscar dar voz e ouvir os alunos uma vez que os coordenadores e professores remeteram com frequência aos alunos em suas respostas.

A seguir iremos apresentar e analisar as entrevistas com os coordenadores, professores e por fim com os alfabetizandos. As respostas dadas pelos coordenadores e professores sobre a importância do LD para as turmas de Alfabetização e quais aspectos eles destacavam sobre os usos do LD foram bem diversificados. E estranhamente não estão relacionados à proposta metodológica do LD e nem ao processo de alfabetização dos alunos. Os coordenadores, ao falarem sobre o LD, destacaram o LD como uma conquista para os alunos; o que não deixa de ser real, pois era a primeira vez que a distribuição ocorria de forma ampliada na Rede Municipal de Belo Horizonte.

A conquista de um direito já assegurado aos alunos do ensino regular e , até então negado aos jovens e adultos é o que afirma a coordenadora Ana:

“No que diz respeito aos alunos, eles gostaram muito do livro. E é muito positivo, em minha opinião, pois estão tendo direito ao livro, um aspecto já conquistado há muito tempo na educação regular. Nós discutimos que o direito ao livro didático do aluno é legítimo. É mais um material que ele tem.” (Ana, coordenadora pedagógica).

O reconhecimento de que agora é um aluno legítimo e legitimado pelos seus familiares também foi um aspecto apontado nos depoimentos, assim como o poder

simbólico de posse de um livro, para muitos alunos, não era só primeiro livro de leitura, e sim o primeiro livro deles.

*“Os alunos estão muito satisfeitos, o aluno sente falta disso, o aluno traz uma visão de educação que ele teve no passado, ou que seus filhos tiveram, aquela coisa da aula expositiva, o professor aquele sujeito que domina o conteúdo, receber o livro didático, por exemplo. Tudo isso faz parte do imaginário do aluno, então eles gostam. eu acho que é importante ele ter uma base para se apoiar. **E eles também se sentem reconhecidos quando ganham o livro**”. (Pedro, coordenador pedagógico).*

“Tem duas coisas que chamam a atenção. O primeiro é: “esse livro é meu mesmo? O segundo: mas eu posso escrever nele?” (Helena, coordenadora geral).

Em relação ao livro, a primeira coisa é a satisfação de ganhar um livro, teve gente que foi a primeira vez na vida que ganhou um livro. E como os filhos e netos têm o livro didático, foi um prazer, um orgulho mostrar para os filhos que eles também tinham, um valor simbólico representado pelo livro. Então é poderoso demais. (...) 100% dos alunos adoraram, não tem um que não gosta!” (Lourdes, coordenadora pedagógica).

O livro vem carregado de valores simbólicos atrelados à cultura escolar em que os alunos da EJA vivenciaram nas décadas passadas na escolarização de seus filhos, netos e outros familiares. Nesse sentido, vimos que os docentes perceberam os efeitos positivos com a chegada do LD e começam a fazer seu uso de forma relevante, já que a grande aceitação e interesse por parte dos alunos geraram esse movimento.

O depoimento de João já nos demonstra como a EJA possui um lugar secundário no cenário brasileiro e nas políticas públicas,

“Eu acho que o livro teve uma aceitação muito grande. Sabe quando cai uma sementinha num terreno que não tinha nada? Foi assim: “- Que bom que agora a gente tem alguma coisa” (João, coordenador pedagógico).

As questões pedagógicas como já dissemos foram raras e quando apareceram remetiam novamente às vozes dos alunos

Para eles, é a garantia que vão aprender, que agora têm o livro. Verbalmente eles falaram: “- Agora a gente aprende” (Lourdes, coordenadora pedagógica).

Ou na transposição que os professores faziam do ensino regular para a EJA, ou ainda no despreparo do professor com suas aulas:

“São muitos desafios que estão colocados na educação de um modo geral, então, por exemplo, nessa turma que eu acompanho tinha professor que trazia atividades de 1ª série e 2ª série do Estado, onde trabalhavam e

desenvolviam com os alunos atividades de criança. Como, por exemplo, colorir bolinha, coisa que nem existe na educação infantil mais. O que a gente percebe é que com o livro isso deixou de acontecer, porque o professor não dava conta de preparar ou não queria preparar, foi o que a gente percebia ao longo da coordenação” (Lourdes, coordenadora pedagógica).

Foi interessante analisar nas entrevistas realizadas com os coordenadores e professores, as respostas dadas quando perguntávamos sobre a importância do LD em suas práticas. Às respostas, eles remetiam com grande frequência aos alunos. A importância dos usos do LD eram remetidas muito mais aos alunos do que às suas práticas. Vejamos os fragmentos a seguir da alfabetizadora Rosa

*“Para os alunos, ele é importantíssimo, por um motivo: a EJA dentro das escolas sempre viveu no anonimato, ela nunca era incluída em nada, e aqui nós tivemos sorte que essa escola nos acolheu muitíssimo bem. **Eles receberam o livro e tudo isso valorizou e fez com que a gente conseguisse um índice bem menor de evasão”** (Rosa, professora alfabetizadora).*

Ao adjetivar o livro de *importantíssimo para os alunos*, isso não é por ser importante para o processo de alfabetização, o ensinar a ler e a escrever, e sim para *dar visibilidade às turmas de EJA*, sempre consideradas de menor valia no mercado educacional e, quando se refere aos alunos, diz que os LD fez *diminuir o índice de evasão*. Oras, isso nos faz pensar que sem o livro os alunos não se interessavam pelas aulas, e/ou que o LD deu um direcionamento ao ensino. Essas são análises/inferências que estamos fazendo a partir da fala da professora.

Assim como os coordenadores, as professoras alfabetizadoras trouxeram os alunos na centralidade de suas falas sobre os usos do LD em suas turmas.

“Eu achei que o livro tem as vantagens, porque os alunos nunca tiveram a oportunidade de ter um livro. Então, receber o livro para eles foi uma coisa espetacular. Foi o valor mesmo: “– Olha eu tenho um livro, estou estudando, eu tenho um livro”. Fez os olhos deles brilharem, porque eles ganharam um livro” (Rosilene, professora alfabetizadora).

“Eles gostam do livro, eles se sentem valorizados. Tem aluno meu que tem 35 anos, 45 anos que não sentava no banco da escola. É lógico que ele quer o livro!” (Marilene, professora alfabetizadora).

O LD é apontado por questões econômicas de tempo e papel, entretanto a professora não diz que o tempo foi melhor utilizado para o ensino da leitura e da escrita. Sabemos o quanto é lento para os adultos copiarem as atividades da lousa, seja pela

luminosidade inadequada das salas de aula; baixa visão de muitos alunos, a falta de destreza/motricidade para realizar cópias e desenho das letras.

“O livro é um auxílio muito importante pra nossa sala de aula e também economiza muito papel, economiza muito tempo. Um bom livro é uma ferramenta importantíssima para nós na sala de aula e sem contar que os alunos adoram o livro” (Glória, professora).

Os professores reconhecem o valor do LD e atribuindo-lhes outras funções que extrapolam os conteúdos e a proposta metodológica para alfabetizar. Em nenhum depoimento foi mencionado algum elogio ou crítica à proposta metodológica. A exceção está no depoimento da professora Piedade que transcrevemos a seguir

“Ele traz vários tipos de descritores, ele trabalha receita, ele trabalha pára-choque de caminhão, ele trabalha textos, poesia. Essa parte aqui de trabalhar com nome, inicial, a gente até montou depois a foto deles na sala, eu escrevi um texto sobre cada aluno e a gente trabalhou em sala sobre aquele aluno, o que ele gostava de fazer, etc. Então, este livro [Alfabetiza Brasil] nos proporcionou criar outros tipos de atividades” (Piedade, professora alfabetizadora).

De acordo com esse tema, Batista e Costa Val (2004) refletem como os professores reconhecem, no quadro de relações de forma simbólica, o valor atribuído ao objeto cultural, que, neste caso é representado pelo livro didático, e que apresenta prestígio e até um apoio ao movimento de frequência dos alunos da EJA. Porém, vimos que seu reconhecimento é legítimo pelos discentes, mas não corresponde aos valorizados pelos coordenadores e professores. A grande parte dos docentes não demonstra críticas em relação aos processos de aprendizagem e metodologias/conteúdos presentes nos materiais; desta forma, os critérios de análise e a valorização dos conhecimentos escolares explicitados pelos professores foram pouco significativos em relação ao grande universo da aprendizagem na alfabetização.

3.

Analisar os efeitos da chegada do LD pelos alunos surgiu de uma demanda da própria pesquisa, pois, os relatos dos professores diziam do efeito do material para os estudantes, e assim, a necessidade de entrevistá-los se tornou imprescindível. Vários alunos entrevistados afirmaram que a chegada do livro didático melhorou a dinâmica das aulas e, conseqüentemente, sua própria aprendizagem:

*“Eu gosto muito do livro. A professora entrega o livro, fala a página que é para gente abrir e já vamos estudando. **Melhorou demais as aulas.** Muito bom. Quem mandou esse livro adivinhou” (Sônia, alfabetizanda).*

*“Eu achei muito bom esse livro, **parece que a gente desenvolve mais.** Só que deveríamos estudar um pouco mais com ele, devíamos utilizá-lo a semana inteira” (Augusta, alfabetizando).*

*“Está muito bom, **nós estamos fazendo as atividades e aprendemos com maior rapidez. Nós lemos mais e já melhorou bastante a leitura. Eu melhorei demais com esse livro**” (Fátima, alfabetizando).*

“Ah, eu acho que aprendi muito mais, eu não sabia ler e agora eu estou sabendo um pouco. Eu acho que avancei mesmo. E esse ano, parece que ficamos mais importantes” (Tomé, alfabetizando).

Outros depoimentos deixam claro que o aluno acredita no potencial de aprendizagem do LD, o que nos faz pensar que ele tem cumprido, em certa medida, com algumas expectativas e objetivos escolares. Alguns atribuem a melhora da aprendizagem à chegada do material e apontam especificidades de conhecimentos que aprimoraram após sua utilização:

“Notei diferença com o livro, acho que o ensinamento está melhor. Ele desenvolve muito nossa escrita” (Soledad, alfabetizanda).

“Eu achei ótimo! O livro ajuda bastante a gente: na leitura e escrita, nos esclarecimentos sobre as atividades, você fica sabendo das coisas muito mais rápido” (Zélia, alfabetizanda).

Assim como alguns professores citaram nas entrevistas, a dinâmica das aulas com o LD se tornou mais ágil e otimizou o tempo de escrita e leitura.

“As aulas aconteciam somente no quadro e caderno, a professora passava matemática no quadro e dava algumas folhas avulsas. Agora com o livro as coisas melhoraram” (Mariana, alfabetizanda).

“O livro apresenta muitas coisas diferentes, é uma maravilha! Ele dá várias explicações para gente e isso facilita muito. Porque antes se passava muita coisa no quadro, e aqui no livro ajuda muito mais” (Lúcia, alfabetizanda).

“O livro é muito mais prático do que você ir lá e copiar no quadro para resolver no caderno” (Inês, alfabetizanda).

Além de se sentirem contemplados com o bem simbólico representado pelo livro, os alunos acreditam que sua aprendizagem está mais mais garantida com o material em sala. Desta forma, podemos entender que sua chegada representou um fator motivador para as aulas, já que os discentes se sentiram mais valorizados e contempladas com as políticas ligadas à cultura escolar.

Sabemos que a EJA é constituída, em grande parte por pessoas excluídas, que não são alfabetizadas devido a questões sociais, como pobreza, exclusão e preconceito. Pelas suas condições sociais, essas pessoas são sempre renegadas dos direitos básicos, como saúde, educação, cidadania. A experiência de conquistar direitos básicos da educação, representada pelo livro didático, trazem a imagem de se enquadrarem nas organizações escolares legitimadas pela sociedade.

O livro didático representa, para os alunos, conquista de direitos escolares e sistematização do conhecimento. Eles compartilham o desejo de aprender a ler e a escrever, internalizando a forma escolar vista na infância ou adquirida por seus filhos e netos. Assim como o ensino regular, em que a educação formal é constituída historicamente, eles também almejam que o ensino da EJA se aproprie dessa organização e a chegada do livro didático representa um passo em direção a essas conquistas (OLIVEIRA, 2011).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Antônio; COSTA VAL, Maria das Graças (org.). Livros de Alfabetização e de Português: os professores e suas escolhas. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2004.

BATISTA, Antônio; ROJO, Roxane. Livros escolares no Brasil: a produção científica. *In*: COSTA VAL, Maria das Graças; MARCUSCHI, Beth (orgs.). Livros didáticos de língua portuguesa: letramento e cidadania. Belo Horizonte: Autêntica/Ceale, 2005.

BOGDAN, Robert; BIRKLEN, Sari. Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Livros Didáticos. Guia de livros didáticos para Educação de Jovens e Adultos: ensino fundamental – PNLD 2010. Brasília, 2011.

DI PIERRO, Maria Clara. As políticas públicas de educação básica de jovens e adultos no Brasil do período 1985/1999. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 314p, 2000.

DI PIERRO, Maria Clara; GRACIANO, Mariângela. A Educação de Jovens e adultos no Brasil: informe apresentado à oficina Regional da UNESCO para a América Latina y Caribe. São Paulo: Ação educativa, 2003. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br>> Acesso em: 13 de agosto de 2010.

FREIRE, Paulo. Alfabetização - Leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.



GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José (orgs.). Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez: Instituição Paulo Freire, 2010.

MACIEL, Francisca . Qual é a diferença entre a alfabetização de crianças e a de jovens e adultos? *Jornal Letra A: o jornal do alfabetizador*. Belo Horizonte: junho/julho, ano 2, edição especial, 2006.

OLIVEIRA, Juliane Gomes. O programam Nacional do Livro Didático para alfabetização de pessoas jovens, adultas e idosas: os professores e suas escolhas. Dissertação (Mestrado em Educação), UFMG – Belo Horizonte, 131p., 2011.

SILVA, Ceris Salete Ribas. As repercussões dos novos livros didáticos de alfabetização na prática docente. Tese (Doutorado em Educação), UFMG - Belo Horizonte, 227p., 2003.

SOARES, Magda Becker. Um olhar sobre o livro didático. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte. v. 2, n.12, p.52-63, nov./dez.1996.

SOARES, Magda Becker. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto. 2016.